

HALLO BRASIL!

**Editorial • Eventos • Uma qualidade
brasileira sem pares • Lula 2007-2010
Projeto de alfabetização • Endereços úteis
Copa da Cultura 2006 • Direito de Família**

Inclusão – uma qualidade brasileira sem pares – vista da perspectiva alemã

Quem convive com alemães no dia-a-dia pode se surpreender como as nossas reações são diferentes diante práticas e comportamentos tão normais para você brasileira ou brasileiro.

Vamos supor, você está levando um amigo alemão para sua turma brasileira pela primeira vez: claro que ele (ela) logo vai ser abraçado(a) ou beijado(a), e aí recebido com muito carinho. Será logo tratado como membro do grupo, integrado nas suas ações. Enquanto isso para você está tudo bem o seu amigo está passando por uma montanha-russa de emoções: sendo tocado, movido, alegre, tímido, irritado, desconfiado, surpreso... e aos poucos estará se abrindo, com felicidade de ter ganho tantos novos amigos e amigas ... pelo menos acha isso.

Você convive com a gente da área profissional? E leva seu parceiro de negócio com seus colegas ao restaurante. No inicio vocês conversam sobre tudo menos trabalho, o que causa constrangimento maior ainda. O seu parceiro alemão talvez sente-se lisongeado e comece relaxar, mas ao mesmo tempo crescem aquelas inseguranças e irritações, o que dizer? Não querendo falar sobre coisas íntimas e tendo a tendência logo a recorrer aos assuntos mais seguros como tarefas de trabalho, perfil da empresa etc.

Como explicar isso? A gente vem de uma cultura, onde a distância é a primeira tendência, a cultura alemã devido a nossa história é individualista, a gente se comunicar formalmente no inicio. O relacionamento é uma coisa que leva tempo e pelo qual a gente precisa trabalhar. A sensação de exclusão é quase normal para alemães. Estamos acostumados ao se-constrangir, um comportamento que vocês talvez conheçam dos seus filhos, mas logo ensinam a deixar. Enquanto é completamente incomum para gente ganhar

inclusão logo no primeiro instante, a mentalidade brasileira é coletiva e abrangente.

Eu tive a possibilidade de observar e o prazer de participar desta vossa capacidade de inclusão em meios completamente diferentes: tanto na festa particular do aniversário, quanto na delegação brasileira em conferências mundiais da ONU, no meio da Capoeira, na capacitação de lavradores, em "Aquele Abraço" ocorrido no Rio no ano 1986, nos encontros de mulheres de rádio, como também com expositores brasileiros nas feiras internacionais.

Como consultora intercultural vejo a inclusão como qualidade brasileira extraordinária. Vocês sabem formar grupos e coletivos temporários que tem a força de deixar as diferenças e divergências de lado e integrar pessoas novas e desconhecidas. Isso pode servir como modelo para o mundo.

Pelo menos deve servir como exemplo para seu sucesso no exterior. Como a cultura e a mentalidade sempre tem raízes no passado, a base para isso é reconhecer a sua herança, que, no caso do Brasil, é multicultural. A inclusão não é um forte da mentalidade europeia, a inclusão é o forte dos seus antepassados indianos e africanos. Cuidem dela e não deixem se iludir só copiando os alemães, os norte-americanos – como virou moda na classe alta e por parte das empresas e em meios intelectuais brasileiros.

De fora posso dizer que o USP (unique selling proposition/uma qualidade sem pares) da marca Brasil está no passado e no presente multicultural. O seu ministro da cultura sabe disso é já o representa mundialmente.

Alemanha por sua vez pode -e deve- aprender muito com sua capacidade de inclusão. Enquanto isso, na aplicação do seu USP pode se referir a nossa capacidade de planejamento.

Petra Sorge dos Santos
CLIC/Consultoria para ligações interculturais e comerciais
Tel.040 352 603, info@clic-interculture.com